

GRAEME WOOD

A guerra do fim dos tempos

O Estado Islâmico e o mundo que ele quer

Tradução

Laura Teixeira Motta



Copyright © 2016 by Graeme Wood

Publicado nos Estados Unidos pela Random House, um selo
e uma divisão da Penguin Random House LCC, Nova York.

Partes deste trabalho foram originalmente publicadas, em formato
diferente, nas revistas *The Atlantic* e *The New Republic*.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The Way of the Strangers: Encounters With The Islamic State

Capa

Kiko Farkas e Ana Lobo

Foto de capa

Anadolu Agency/ Getty Images

Preparação

Carina Muniz

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Thaís Totino Richter

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wood, Graeme

A guerra do fim dos tempos : o Estado Islâmico e o mundo
que ele quer / Graeme Wood ; tradução Laura Teixeira Motta.
— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: The Way of the Strangers: Encounters With
The Islamic State

ISBN 978-85-359-2926-3

1. Estado Islâmico (Organização) 2. Oriente Médio – História
3. Repórteres e reportagens 4. Terrorismo – Aspectos psicológicos
5. Terrorismo – Aspectos religiosos – Islamismo 6. Terrorismo –
Oriente Médio I. Motta, Laura Teixeira. II. Título.

17-03846

CDD-956.054

Índice para catálogo sistemático:

1. Oriente Médio : Estado Islâmico : Organização : História
956.054

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Abu Huraira contou: o Mensageiro de Deus, que a paz e as bênçãos estejam com ele, disse, “O islã começou como algo estranho e estranho voltará a ser; assim, abençoados sejam os estranhos”.

Sahih Muslim 1/130

Eles eram criados em casas iguais à dele. Eram criados por pais iguais a ele. E tantos desses jovens eram moças, moças cuja identidade política era total, moças que não eram nem um pouco menos agressivas e militantes, nem um pouco menos propensas à “ação armada” do que os rapazes. Existe algo aterradoramente “puro” na violência delas e na sua sede de autotransformação. Elas renunciam às suas raízes para tomar como modelos os revolucionários cuja convicção é levada a efeito da forma mais implacável. Como máquinas que não podem ser desligadas, elas fabricam a abominação que impele o seu idealismo duro como aço. A raiva delas é combustível. Estão dispostas a fazer qualquer coisa que possam imaginar para mudar o rumo da história.

[...]

Essa era sua filha e estava irreconhecível. Essa assassina é minha.

Philip Roth, *Pastoral americana*

Sumário

<i>Nota sobre terminologia</i>	11
<i>Prólogo</i>	16
1. A seita escolhida.....	31
2. A fábrica de <i>fatwas</i>	78
3. Musa Cerantonio	131
4. Yahya, o americano	191
5. Um sonho adiado.....	233
6. Dissensão.....	275
7. Apocalipse.....	313
<i>Posfácio</i>	341
<i>Agradecimentos</i>	352
<i>Glossário</i>	355
<i>Notas</i>	357
<i>Índice remissivo</i>	391

Nota sobre terminologia

A guerra contra o Estado Islâmico não é essencialmente uma guerra de palavras, embora às vezes seja tratada como tal. Para desacreditar e irritar o Estado Islâmico, seus inimigos com frequência insistem em referir-se à entidade como “Isis”, “o chamado ‘Estado Islâmico’”, “Daesh” ou “o Estado Não Islâmico”. Esses nomes depreciativos até agora não mostraram nenhum efeito palpável. “Gostamos de ver vocês discutirem sobre nos chamar de ‘Daesh’, ‘Isil’ ou ‘Isis’”, me disse um partidário do Estado Islâmico. E acrescentou: “Enquanto vocês estão falando sobre isso” — e não sobre teologia, política ou operações militares —, “sabemos que não estão nos levando a sério”.

Em todo este livro, emprego a designação “Estado Islâmico”. Alguns leitores detestariam minha decisão de usar o nome com que o próprio Estado Islâmico se intitula. Até agora nenhum escritor descobriu termos neutros para se referir ao Estado Islâmico ou a suas crenças, e minha escolha não significa endosso. Quando digo “Estado Islâmico” não estou apoiando a organização, assim como

não aludo à graça divina para o Hezbollah quando uso seu nome, que significa “Partido de Deus”.

O Estado Islâmico tem muitos nomes, e todos eles designam a mesma entidade:

- Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isil)
- Estado Islâmico do Iraque e do Sham (Isis)
- Daesh ou Da‘esh
- Estado Islâmico

Sham, em árabe, significa Levante, a área geográfica que abrange algo como a Síria e o Líbano modernos e, possivelmente, a Cisjordânia e a Jordânia.¹ Os acrônimos “Isil” e “Isis” diferem apenas porque “Isil” leva o termo em inglês para Levante [The Islamic State in Iraq and the Levant], ao passo que “Isis” emprega a palavra em árabe, com as demais letras representando termos em inglês [The Islamic State in Iraq and Sham].

O equivalente em árabe a “Estado Islâmico do Iraque e do Sham” é *al-Dawla al-Islamiyya fi-l'Iraq wa-l Sham*. Oponentes do grupo que são falantes do árabe preferem o acrônimo “Daesh”, porque o som da palavra lembra termos de significados diversos, como “pisotear” e “bronco”.² Em árabe, o *a* de “Daesh” representa a palavra “Islâmico”, e o *d* representa “Estado” (*dawlah*). A letra ‘ é a letra árabe ‘ayn (ع), cuja pronúncia os falantes do inglês raramente conseguem reproduzir. (Meu primeiro professor de árabe ensinou-me a praticar cantando a música “Angie”, dos Rolling Stones. Mick Jagger, na quarta vez em que canta o nome “Angie”, pronuncia perfeitamente o som de ‘ayn.)

Chamar a entidade de “Daesh” não nega, de modo algum, sua pretensão de ser um estado islâmico. No entanto, esse termo irrita bastante os partidários do Estado Islâmico. A designação que eles preferem é “o Estado Islâmico”, e já açoitaram pessoas e

ameaçaram cortar a língua de quem disse “Da’esh”. Também aceitáveis para eles são as designações *Al-Dawlah* (“o Estado”) e *Al-Khilafah* (“o califado”, governado por um *khalifah* [califa]). O grupo afirma que a entidade conhecida como “Isis” ou “Isil” foi dissolvida quando se declarou califado, em junho de 2014, tornando-se o Estado Islâmico.

O Estado Islâmico mantém seu próprio arsenal de insultos e louvores. Seus membros, um grupo de sunitas extremistas, reservam a palavra “muçulmano” para um pequeno grupo que, como eles, é sunita, e veem de modo muito negativo a teologia xiita. Além disso, para eles, outros que se autodenominam muçulmanos não são muçulmanos de modo algum. Anularam seu islã por atos ou crenças e devem se arrepender ou ser mortos.

Os primeiros dentre esses são os xiitas. O Estado Islâmico os considera *ex-muçulmanos*, ou seja, apóstatas que abandonaram a fé. A cisão entre sunitas e xiitas tem origem na questão de quem devia suceder a Maomé como líder dos muçulmanos depois que ele morreu, em 632. Os xiitas queriam seguir os membros da família de Maomé, e os sunitas desejavam escolher líderes provenientes da comunidade de muçulmanos como um todo, sem dar preferência a descendentes do Profeta. O Estado Islâmico afirma que os xiitas ainda hoje “recusam” a liderança legítima, por isso os chama de *rawafidh* ou *rafidah* [recusantes]. Sobre essas questões, a propaganda do Estado Islâmico é clara:

Os estudiosos também chamavam assim [os xiitas] porque os *Rāfidah* rejeitavam a *imāmah* [liderança] de Abū Bakr, Omar e Uthmān [os primeiros califas sunitas], porque rejeitavam os *Sahābah* [Companheiros do Profeta], porque rejeitavam a suna [exemplo do Profeta] e porque rejeitavam essencialmente o Alcorão e a religião do islã.³

Ao recusarem o Alcorão, os xiitas *deixaram* o islã, por isso todo xiita é um *murtadd* [apóstata] e deve ser morto.

A maioria daqueles que o Estado Islâmico chama de apóstatas considera-se muçulmana. No Estado Islâmico, afirmar ou insinuar que o profeta Maomé e o Alcorão Sagrado são imperfeitos, que seus comandos são opcionais ou, ainda, que precisam de revisão ou reinterpretação representam atos de apostasia em potencial, provavelmente sujeitos a pena de morte. Como o Estado Islâmico acredita que muitas ações e crenças constituem apostasia, é em um sentido muito restrito que seus seguidores usam o termo “muçulmano”, ao qual a imensa maioria dos que se autoidentificam como muçulmanos faria veemente objeção.

Qualquer governante que se reconheça como muçulmano mas governe contra a vontade de Deus (por exemplo, organizar eleições, legalizar o consumo de carne suína e bebida alcoólica ou não apedrejar adúlteros) é um apóstata. Esse critério implacável produz resultados nada razoáveis, pois, para o Estado Islâmico, até os mais célebres islamitas (inclusive Recep Tayyip Erdoğan, político da Turquia, ou os líderes do Hamas e da Irmandade Muçulmana) são apóstatas. Uma vez que substituem a lei de Deus pela sua própria lei, são culpados de *shirk* [elevar outro que não Deus à posição de prestígio de Deus; literalmente, atribuir um “parceiro” a Deus] e, portanto, são *mushrikin* [politeístas; singular: *mushrik*].

O Estado Islâmico chama as autoridades políticas de países árabes de *tawaghit* [tiranos; singular: *taghut*]. Os clérigos que servem aos tiranos são apóstatas quando alardeiam seus erros e *munafiqun* [hipócritas; singular: *munafiq*] quando pregam a verdade sem praticá-la. Eles também são expulsos do islã. O Estado Islâmico chama a família real saudita e seus partidários de *Al-Salul*. Esse nome é uma referência a ‘Abdullah ibn Ubayy (morto em 631), conhecido como Ibn Salul, um líder de Medina que jurou

lealdade a Maomé, mas o traiu depois. Ele foi o primeiro *munafiq*. A crítica aos sauditas pressupõe que eles pregam as coisas certas, porém não acreditam nelas.

Na história, a maioria dos muçulmanos doutos foi sufista (místicos que buscam a unidade com Deus através de meditação, poesia, dança e vinho) ou seguidora de escolas teológicas (em especial maturiditas ou asharitas) às quais o Estado Islâmico e seus predecessores se opõem. O Estado Islâmico exige a crença literal no Alcorão, com mínima interpretação figurativa ou alegórica. (Quando o Alcorão diz *yadu llahi* [“a mão de Deus”], a maioria dos muçulmanos interpreta *yadu* [mão] como “poder”. Já para o Estado Islâmico, o significado é “mão”.)⁴ Eles insultam os sufistas por reverenciarem sepulturas e sacrários de santos e pessoas veneráveis. Essas práticas são *shirk*, ou idolatria, segundo o Estado Islâmico, e anulam o islã para quem as adota.

Este livro contém o menor número possível de palavras em árabe. No entanto, é impossível escrever sobre o Estado Islâmico sem às vezes recorrer aos termos árabes que acabo de mencionar. Muitos defensores não árabes do Estado Islâmico entremeiam suas conversas com palavras árabes, mesmo nos casos em que existem equivalentes exatos em suas línguas maternas — por exemplo, *Allah* [Deus] e *dawla* [Estado]. Para reduzir os entraves aos leitores que não falam árabe e manter a fluência das citações originais, conservei as palavras em árabe e inseri a tradução entre colchetes.

Prólogo

Em novembro de 2004 fui trabalhar para uma transportadora no Iraque e me instalei em um trecho de cascalho vizinho do aeroporto de Mossul. Duas pequenas construções temporárias serviam como local de trabalho e alojamento. Eu as dividia com dois *gurkhas* [soldados nepaleses] saudosos de sua terra e um soldado britânico aposentado. Nossos aviões chegavam do Bahrein, e nós quatro trabalhávamos com uma turma de cinco iraquianos descarregando e entregando as cargas. Soldados americanos recebiam pacotes com mimos mandados pela família e equipamentos vindos de bases distantes. Iraquianos vinham buscar motores a diesel, máquinas de raios X para o hospital da região e caixas e mais caixas de cigarros jordanianos não tributados para revender. À noite, os *gurkhas* inflavam suas contas telefônicas ligando para o Nepal de nosso aparelho via satélite, enquanto o britânico assistia a filmes, tomava uísque, engraxava as botas e limpava a arma.

A ocupação do Iraque, então com mais de um ano, não chegara à sua fase mais perigosa, e os ataques de insurgentes ainda eram esforços de aprendiz, não as obras-primas de calamidade em

que se transformariam nos três anos seguintes. As forças militares americanas conseguiam proteger o aeroporto, mas não a cidade ao redor. Insurgentes lançavam morteiros e foguetes regularmente, e o CABUM! distante do fogo iminente servia como um alerta de cinco segundos para eu mergulhar no pequeno bunker de concreto contíguo à minha sala de trabalho e aguardar a explosão. Uma saraivada de morteiros podia durar segundos ou horas, e às vezes eu ouvia o rugido de helicópteros que voavam na direção dos adversários e o rasgo dos disparos que os matavam. No terceiro ataque, tratei de equipar o bunker com um livro e uma lanterna, para nunca ser pego, vivo ou morto, sem ter alguma coisa para ler.

Durante aquelas noites longas e geladas, amontoado com os *gurkhas* numa cama dobrável debaixo de quinze centímetros de concreto, eu matutava sobre o homem que tentava nos matar. Teria provavelmente a minha idade, 25 anos, ou menos. Seria iraquiano, ou um estrangeiro amante de aventuras como eu? Neste segundo caso, como chegara aqui, e por quê? Se eu não sabia nem mesmo a razão que tinha me levado a Mossul — empregos melhores acenavam mais perto de casa —, como esperava entender as motivações daquele homem desconhecido? Teria ele também opções melhores? Enquanto ele aguardava o momento certo para carregar um morteiro, estaria também grudado numa brochura?

Este livro nasceu da curiosidade a respeito desse homem.

Em 21 de dezembro de 2004, um homem-bomba infiltrou-se em uma das duas lanchonetes do aeroporto e explodiu 22 iraquianos e americanos. Eu estava almoçando na outra lanchonete naquela hora. Salvei-me porque meu estômago roncou defronte de um balcão de comida e não de outro. Quando fiquei sabendo dos detalhes do ataque — o homem tinha enchido suas roupas de pregos e parafusos para multiplicar os estilhaços —, minha empatia

sofreu pane. Eu era capaz de me imaginar raivoso, até mesmo violento. Mas, ao imaginar a sensação física do assassinato — um colete vergando sob o peso de uma loja de ferragens inteira —, cheguei ao limite e me resignei à perplexidade.

Ao longo da década seguinte, os insurgentes mudaram, e eu também. Voltei ao Iraque como jornalista. Os *gurkhas* foram para o Bahrein, e o britânico agora protege a vida de um embaixador em Londres. Os últimos soldados americanos deixaram Mossul no fim de 2011. Os soldados iraquianos que os substituíram roubaram e venderam grande parte dos equipamentos que os americanos deixaram no país, contaram meus amigos iraquianos.

Na ausência dos americanos, os insurgentes saíram das sombras. Alguns anos depois da explosão na lanchonete, membros do grupo responsável juraram lealdade ao Estado Islâmico do Iraque (ISI, na sigla em inglês), o precursor do Estado Islâmico do Iraque e do Sham (Isis). Na última vez que estive em Mossul, em agosto de 2012, a cidade estava supostamente sob o controle do governo iraquiano, mas a população vivia com medo do ISI, que eles ainda chamavam de “Al-Qaeda” (um nome que o próprio grupo já não usava desde 2006). O ISI/ Al-Qaeda extorquia os comerciantes. Matava e sequestrava. Quando saímos de carro, meu amigo Yasir pediu que eu me abaixasse no banco e tirasse os óculos de sol de estilo aviador, pois as ruas estavam tão perigosas que eu poderia ser confundido com um soldado americano ou um mercenário e ser sequestrado pela Al-Qaeda, ou até ser fuzilado se o carro parasse por causa do trânsito.

Em 10 de junho de 2014, a Al-Qaeda — já chamada de Isis — venceu com uma força de quinhentos a mil homens. O Exército iraquiano quase não ofereceu resistência. A população de Mossul, na maioria árabes sunitas que desprezavam o governo de Bagdá dominado por xiitas, saudou os combatentes sunitas do Isis com apreensão, e depois com aterrorizada aquiescência. O Isis impôs

a lei da Xaria e governou Mossul inconteste até que o Exército do Iraque iniciou o ataque para retomar a cidade, em outubro de 2016. O homem que eu imaginava nos idos de 2004 agora estava no comando.

Observar a conquista de Mossul pelo Isis foi testemunhar algo ao mesmo tempo familiar e novo. Uma década de guerra ininterrupta havia passado desde a ocupação da cidade pelos americanos, e o surgimento de mais um bando de atacantes armados num caminhão não era visto como revolucionário. Os ex-integrantes do governo de Hussein entre os líderes do Isis também me eram muito familiares. Poucas insurgências no Iraque, seculares ou religiosas, nasceram sem a influência dos baathistas, e alguns baathistas passaram ao conservadorismo religioso com espantosa facilidade. Antes bigodudos como Saddam, deixaram crescer a barba e impuseram os códigos islâmicos na lei, no vestuário e no comportamento. Abu Muslim al-Turkmani, um ex-oficial do Exército, tornou-se o chefe de operações do grupo no Iraque. Izzat Ibrahim al-Douri, o baathista ruivo que comandou o maior contingente de fugitivos saddamistas, elogiou o grupo e aliou-se a ele. Para alguns observadores de fora, as digitais dos baathistas eram uma garantia de que nada mudara e de que o inimigo não era novo.

Entretanto, dedicados estudiosos da jihad — que observavam atentamente o Isis e frequentavam os fóruns on-line de seus combatentes e propagandistas — detectaram algo preocupante. Os jihadistas não consideravam a tomada de Mossul uma vitória local, muito menos uma vitória cujos principais beneficiários eram os capangas de Saddam. Em vez disso, primeiro em sussurros e depois aos berros, alardearam que a ascensão do Isis era um acontecimento de importância para a história mundial. Na verdade, fazer referência à história mundial seria diminuir sua importâ-

cia, pois era o cosmos inteiro que estava em jogo. Afirmaram que o Isis estava realizando uma profecia: ressuscitava leis e formas de governo adormecidas havia mais de mil anos e continuaria a derrotar os inimigos do islã até que o próprio Jesus retornasse como um guerreiro muçulmano para matar o Anticristo.

Tanto a escavação de um passado distante e imaginado como as projeções do futuro eram calculadas para explorar uma narrativa bem conhecida. Entre os muçulmanos — e também entre não muçulmanos — a palavra “califado” (um território governado por um sucessor do Profeta, cujo estabelecimento o Isis identificara como seu objetivo) conjurava uma memória coletiva de um passado islâmico imaginado: as cortes de Bagdá, *As mil e uma noites*, triunfos científicos e filosóficos como a invenção da álgebra e as primeiras teorias da óptica. Crianças adormeciam com visões de palácios e tapetes voadores. Muitos pequenos muçulmanos pediam para dormir com a luz acesa depois de ouvir histórias sobre confrontos de Exércitos muçulmanos com o Anticristo e as tribulações do fim do mundo. O Isis invocava essa narrativa. Para todos os que aderissem ao seu movimento, prometia glória e virtude e nada menos do que a honra de participar do *gran finale* do próprio Universo.

Toda geração de cristãos e muçulmanos produz sua safra de lunáticos e candidatos a profeta, e eles sempre provocam calafrios em seus contemporâneos racionalistas. Uma geração anterior preocupou-se com a retórica apocalíptica da Revolução Iraniana. Mais de metade dos evangélicos americanos acredita, ou diz acreditar, na iminência do Juízo Final.¹ Por sorte, a maioria dos movimentos apocalípticos se extingue aos poucos, ameniza seu tom ou é flagrada no blefe. Muitos dos revolucionários iranianos que pensavam que o aiatolá Khomeini se revelaria como o Mádi — uma figura messiânica que, segundo a maioria dos xiitas, andava escondida desde 941 — agora negam ter algum dia acreditado

numa coisa dessas. Os mulás governantes no mínimo se interessam por acordos comerciais tanto quanto por armas nucleares. E os evangélicos americanos, ao mesmo tempo que afirmam crer que vivem no fim dos tempos, não deixam de fazer seus depósitos na poupança para a aposentadoria. Por analogia, de certa forma nos tranquilizamos pensando que são apenas frases de efeito quando ouvimos um jihadista dizer que deseja nos matar, junto com bilhões de outros, para ocasionar o fim do mundo.

O que me preocupou no caso dos novos senhores de Mossul foram as crescentes provas de que eles — com uma sociedade cada vez maior de apoiadores, de todos os cantos do globo — estavam falando sério. Em vez de tagarelar sobre morte iminente mas planejar uma vida longa, eles falavam em morte iminente e a buscavam com sofreguidão. Em meados de 2014, combatentes do Isis já vinham, fazia tempo, postando no Instagram e no Twitter imagens medonhas — cestos com cabeças, montes de corpos, vídeos de execuções. Ao abordarem as etapas de seu automassacre, intensificaram a discussão sobre o anseio pelo martírio em batalha, e recrutas apressaram-se a emigrar para a pior zona de guerra do planeta. Àquela altura, o Isis havia transformado o nordeste da Síria em seu reduto. Segundo fontes militares americanas, até então cerca de 20 mil pessoas haviam viajado para lá a fim de combater, e depois disso outras 20 mil desobedeceram ao governo de seus países e ludibriaram a polícia e as patrulhas de fronteira para fazer o mesmo.

Muitos dos que imigraram — ou, no jargão do Estado Islâmico, “fizeram *hijrah* [hégira]” — logo morreram em combate. Morrer era o objetivo. Muitos outros, porém, continuaram vivos e incentivaram amigos a se juntar a eles. Alguns alertaram sobre as agruras, declarando-se arrependidos, e com isso puseram sua

vida em risco, pois o Estado Islâmico executa desertores. No entanto, nenhuma campanha de propaganda podia disfarçar o inquietante fato de que, para os que imigravam para o Estado Islâmico, a matança era profundamente gratificante.

As cartas que eles mandavam para sua terra combinavam dignidade serena com absoluta insanidade moral. Em maio de 2015, doze membros da família Mannan, de Luton, na Inglaterra, viajaram juntos para Raqqa, na Síria, a oficiosa capital do Estado Islâmico. Suas idades variavam de um a 75 anos, e uma carta aberta da família repreendia quem desconfiasse de que eles tivessem sido enganados para se decidir a ir. “Que ninguém se surpreenda quando dizemos que nenhum de nós veio forçado, contra a vontade”, escreveram. “É um absurdo pensar que uma família inteira poderia ser raptada e obrigada a migrar dessa maneira.” Eles fizeram a viagem “obedecendo ao comando do *khalifah* [califa] dos muçulmanos”. E encontraram o que queriam: “uma terra que instituiu a Xaria, onde um muçulmano não sofre opressão [...], na qual uma pessoa não teme perder seu filho para a imoralidade da sociedade [...], na qual os doentes e idosos não esperam em sofrimento”.²

Em junho de 2015, um médico australiano, Tareq Kamleh, apareceu em um vídeo do Estado Islâmico elogiando o sistema de saúde de Raqqa, na Síria. O Estado Islâmico, como qualquer outro governo, tinha de administrar seu território e população, e se empenhava em formar burocracias para tributação, saúde, educação e outras funções oficiais. A mídia australiana investigou o passado de Kamleh e descobriu indícios de que ele se tornara devoto havia pouco. Noticiaram que ele tinha sido um “playboy” que colecionava fotos das “garotas sexy” com quem saía.³ O Departamento de Regulação da Prática dos Profissionais de Saúde da Austrália comunicou por escrito ao médico que seu serviço ao Estado Islâ-

mico representava uma violação ética que invalidava sua licença para praticar a medicina. Ele respondeu:

Tomei uma decisão calculada e muito bem-informada quando vim para cá, e não houve lavagem cerebral. Desde que cheguei aqui, tenho visto que não estão, de modo algum, como descrevem os bombásticos políticos australianos, “assassinando e estuprando por onde passam”... [Não são] “um culto da morte”. As únicas mortes com que tenho de lidar desde que cheguei têm sido causadas por patologias ou ataques de drones da coalizão. Ao cuidar das vítimas pediátricas dos ataques, meu momento favorito foi quando tive de dizer à mãe de uma menina de seis anos que o fato de o cérebro da filha estar no rosto significava que ela estava morta. [...] Belo trabalho, “Time da Austrália”! Pelo que tenho visto, vocês têm mais sangue nas mãos do que o Isis em suas facas...

[...] Não será também o meu dever humanitário ajudar essas crianças?!... ou apenas crianças de pele branca e passaporte azul? Nego formalmente ter sido participante de qualquer conduta profissional que pusesse em risco minha relação médico-paciente.

Não pretendo retornar à Austrália; voltei, enfim, para a minha terra.⁴

A extensão do fascínio pelo Estado Islâmico era tão chocante quanto sua profundidade. Três gerações de muçulmanos conservadores dos arredores de Londres, um solteirão mulherengo do sul da Austrália e dezenas de milhares de outros haviam, todos, bebido nas mesmas fontes quando se inspiraram. Além do califado físico, com território, guerra e economia para administrar, havia um califado da imaginação, para o qual toda essa gente já tinha emigrado muito antes de transpor a fronteira da Turquia. Eles acreditavam que o Estado que os aguardava purificaria suas vidas, proibindo o vício e promovendo a virtude. Seu líder, Abu Bakr

al-Baghdadi, unificaria os muçulmanos de todo o mundo, restauraria sua honra e lhes permitiria residir na única sociedade virtuosa. Seus cidadãos muçulmanos desfrutariam da igualdade perfeita, livres das iniquidades que haviam sofrido em razão de diferenças de raça, riqueza ou nacionalidade no país natal.

Para realizar esse sonho, eles aderiram a um movimento fascista e expansionista de alcance global. Rejeitaram os valores que antes pautavam suas vidas e esposaram práticas como escravidão, mutilação e extrema violência contra não muçulmanos e muitos autointitulados muçulmanos. Foram persuadidos pela mesma propaganda e, em muitos casos, pelas mesmas pessoas.

Comecei a procurar esses sedutores. Alguns ainda não haviam emigrado, por uma razão ou outra, portanto estavam ao alcance de um jornalista infiel. Muitos adoraram a atenção. Fiz sempre perguntas ingênuas: o que você quer? Quem é você? Por que, dentre todas as versões do islã, essa mais implacável o atraiu?

Em dezembro de 2014, numa tarde quente em Melbourne, na Austrália, comecei a obter as respostas. Um dos mais prolíficos defensores do Estado Islâmico é Musa Cerantonio, de 32 anos, um convertido do catolicismo que na época vivia sob vigilância do governo em Footscray, subúrbio de Melbourne. Há palestras, ensaios e traduções de sua autoria por toda a internet jihadista, e, em meados de 2014, analistas do terrorismo consideravam-no uma das principais influências sobre os partidários do Estado Islâmico. Autoridades localizaram-no no sul das Filipinas, deportaram-no para Melbourne e confiscaram seu passaporte. Os tabloides australianos acharam o máximo ter um jihadista por perto — uma cara barbuda para estampar abaixo das manchetes estridentes sobre terrorismo. Quando ele voltou para Melbourne, o enxame de repórteres lembrou um desfile de inimigo cativo para fins de

humilhação pública. Em 2014 o Facebook excluiu a página pessoal dele, que atingira um pico de 12 mil devotos, e ele se aquietou por alguns meses.

Quando o encontrei, ele estava pronto para falar. Aliás, estava tão ansioso para responder às minhas perguntas que me pagou o almoço: carne de cordeiro com quiabo em um modesto restaurante sudanês. Reconheci nele uma forma familiar de fervor missionário: ao falar comigo sobre sua religião, ele me vinculava a ela, removia a ignorância da lista de desculpas que eu pudesse usar perante Deus no Dia do Juízo Final. Através de mim, ele vincularia os meus leitores também. Nessa conversa, a primeira de muitas, ele descreveu em linhas gerais o dever dos muçulmanos de escolher um califa, um sucessor do Profeta, e obedecer-lhe. Explicou que o Estado Islâmico fizera exatamente isso, portanto cumprira uma obrigação desconsiderada por muitas gerações anteriores, passível de risco para suas almas. “Eu diria até que o islã foi restabelecido”, afirmou.

Avisou-me que não demorariam a chegar os últimos dias profetizados por Maomé. A Terra sofreria secas — um terço do planeta ficaria sem chuva por um ano, e dois terços no ano seguinte. Viveríamos em uma era de milagres, tanto falsos como reais, de sofrimentos, massacres e tribulações inimagináveis, de guerra global travada com os mais variados instrumentos, do sabre à bomba termonuclear. Os que sobrevivessem, muçulmanos ou não, ansiariam pela morte.

Isso tudo ele relatou com a maior calma enquanto eu o ouvia e comia o meu cordeiro. A cada minuto o almoço perdia o gosto para mim. Diante de batalhas finais e apocalipse, quem é que vai ligar para comida? Quem é que vai ligar para qualquer coisa? As preocupações cotidianas que tinha carregado comigo àquele encontro (meu gravador está funcionando? Tranquei mesmo meu quarto no hotel?) perderam importância. Por um momento, sen-

ti a contracorrente da crença e consegui imaginar por que alguém poderia renunciar ao mundo sem graça em que eu vivo em troca do mundo encantado de Musa.

“O sol nascerá no oeste”, ele disse. “Desse momento em diante, Alá não aceitará arrependimento, e a hora final estará sobre nós.” Ele fez uma pausa. Pensei, de início, que ele havia parado porque eu parecia perturbado, absorto na crescente distância emocional e imaginativa entre nossos respectivos universos. Depois percebi que ele parara porque sua narrativa apocalíptica havia terminado junto com o próprio Universo.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, olhando um para o outro — não de forma hostil, mas para avaliar se valia a pena conversar mais. Ele havia relatado aquelas profecias como fatos triviais, como se descrevesse sua rotina matinal ou me desse uma receita de pudim. Para mim, aquilo podia muito bem ser ficção científica ou uma narração de *O crepúsculo dos deuses*, de Wagner, uma cosmologia apocalíptica reduzida — alguns diriam elevada, mas, de qualquer modo, dessacralizada — à condição de literatura. Contudo, Musa estava me convidando para acompanhá-lo na crença de que aqueles acontecimentos eram tão concretos quanto a mesa e os pratos de comida à nossa frente. *Eis o que o Estado Islâmico vai fazer*, ele estava dizendo, *e como o mundo vai acabar*. *E ninguém pode impedir*.

Era uma conversa grandiosa para um australiano desempregado que lambia os dedos engordurados. Se ele fosse uma voz solitária a falar sobre apocalipse, eu não teria prestado mais atenção. Acontece que, depois de dúzias de entrevistas, com ele e com dezenas de seus companheiros em quatro continentes nestes dois últimos anos, acabei por enxergá-los como a superfície visível de uma causa que estava mexendo com as emoções e convicções de milhões de outros, e que continuaria a inspirá-los ainda por décadas, mesmo se perdesse seu território central na Síria e no Ira-

que. Aqueles homens e mulheres não eram autômatos psicopatas. Na verdade, muitos eram inteligentes, alguns até refinados e muito polidos. E o que eles estavam seguindo era mais do que um sistema de crença. Era um modo de pensar e viver, de compartilhar alegria e devoção; era uma cultura em si mesma.

A dissonância cognitiva ainda me perturba: são pessoas inteligentes que têm crenças extraordinariamente perversas. É tentador procurar resolver essa tensão duvidando de sua sinceridade — com certeza eles não desejam o genocídio, com certeza não querem me ver morto. Mas procurei por sinais de embuste, e, se houver algum, eles são as vítimas, não os autores. Quando alguém diz algo maldoso demais para que acreditemos, nossa resposta não é duvidar de sua sinceridade, mas expandir nossa capacidade para imaginar o que podem desejar pessoas que, não fosse por isso, pareceriam íntegras. Essa é a resposta apropriada ao Estado Islâmico, concluí. Ouvir suas vozes e ver seu interminável currículo de apedrejamentos, imolações e balas na cabeça me dá a mesma sensação daqueles pesadelos apavorantes que acabam nos acordando por serem vívidos demais. O terror parece tão intenso que nos arranca do sono. Entretanto, esse pesadelo só tem feito tornar-se mais real, sem um retorno ao estado de vigília, e ainda não concluiu sua expansão da nossa intimidade com o mal.

Alguns continuarão a ver os partidários do Estado Islâmico como maníacos e duvidarão do valor de analisar em detalhes a loucura, quanto mais a propaganda nauseante. Que benefício pode haver na leitura do palavrório desatinado de gente maluca, mesmo que estejam citando o Alcorão corretamente? Isso me faz lembrar da história do falecido crítico de cinema Roger Ebert sobre seus tempos de repórter novato, quando ele entrevistou um pregoeiro de parque de diversões.

Sua estrela era um ganso que arrancava com o bico a cabeça de galinhas vivas e bebia o sangue delas.

“Este é o melhor ganso nesse ofício”, me garantiu o homem.

“Qual a diferença entre um ganso bom e um ganso ruim?”, perguntei.

“Quer examinar as galinhas?”⁵

Boa parte deste livro é dedicada a examinar as galinhas. Não é bonito, porém traz mais resultados do que os detratores do Estado Islâmico poderiam pensar. Já faz anos que o Estado Islâmico e seus partidários produzem ensaios, *fatwas* (determinações religiosas), filmes e tuítes em escala industrial. Quando estudamos essas mensagens, percebemos uma visão de mundo coerente, alicerçada na interpretação da escritura islâmica por uma minoria, uma interpretação que existe, em várias formas, há quase tanto tempo quanto a própria religião. Essa versão do islã tem apenas uma ligeira semelhança com o islamismo praticado ou adotado pela maioria dos muçulmanos. Os seguidores da corrente principal do islã ressentem-se porque o Estado Islâmico afirma ter acesso exclusivo à sua religião; em solidariedade a essa repulsa, muitos não muçulmanos olham para o outro lado e desconsideram propósitamente as especificidades das afirmações religiosas do Estado Islâmico. Essa desatenção premeditada tem sido um erro muito caro. Nosso inimigo nos convida a conhecer mais sobre ele, mas nos sentimos tão enojados que recusamos a oferta.

Os seguidores do Estado Islâmico deleitam-se com sua condição de minoria. Veem o fato como prova de que a maioria, e não eles, está errada e ressaltam que os primeiros muçulmanos, a quem procuram imitar tão ostensivamente, também foram uma minoria perseguida que triunfou e remodelou o mundo. E a confiança dos partidários do Estado Islâmico em sua própria retidão se fortalece quando alguém — em geral um inimigo que nunca se

deu o trabalho de examinar o que eles afirmam — lhes diz que eles não sabem nada sobre sua religião, quando, na verdade, o mais das vezes eles sabem muito (quase sempre mais do que seus críticos) sobre a escritura, a lei e a teologia, ainda que não sobre as virtudes humanas básicas que a maioria dos muçulmanos considera fundamentais em sua fé. Acontece que eles preferem sua interpretação violenta, e não a pacífica favorecida por seus críticos.

Ao retratar uma visão de mundo, este livro retrata também as pessoas que a adotam. Esses indivíduos, em todos os casos, tomaram decisões desastrosas para si e para outros, e em nenhum momento nas minhas entrevistas escondi que discordava deles. Por outro lado, também procurei apresentar suas ideias de um modo que eles reconheceriam. Eles falaram comigo sabendo muito bem que eu me opunha às suas ideias. No entanto, sua confiança levou-os a continuar falando, mesmo quando pensavam que conversar comigo significava ajudar um inimigo. Como um deles me escreveu depois de conversarmos:

O que eu vejo bem e outros parecem não discutir muito é que o Estado Islâmico, Osama [bin Laden] e outros agem como quem segue um roteiro escrito 1400 anos atrás. Não só seguem essas profecias como também fazem seu planejamento com base nelas. Portanto, seria de supor que os inimigos do islã perceberiam isso e se preparariam adequadamente, e no entanto [é] quase como se achasse que, se agirem com base nesse conhecimento, isso significaria que eles também acreditam nas profecias, e por isso não fazem caso delas e agem lá do jeito deles... [Os] inimigos dos muçulmanos podem estar conscientes do que os muçulmanos estão planejando, mas isso não vai adiantar nada para eles, porque preferem fingir que não veem ou porque lutam sua guerra imaginária baseados em [uma ideia de] democratas que amam a liberdade contra loucos ter-

roristas malvados e irracionais... Nós sabemos que os que comandam irão [nos] ignorar e pôr tudo a perder mesmo.⁶

Meu correspondente e muitos de seus colegas “Vagueiam entre dois mundos, um morto,/ o outro incapaz de nascer”, como escreveu o poeta vitoriano Matthew Arnold. Esse impasse, já fatal para muitos, terá graves consequências por décadas.